



## **Empoderamento ou auto-sabotagem? Identidade e representação no**

### **II Festival Mulheres no Volante<sup>1</sup>**

Autora: Bruna Provazi Barreiros<sup>2</sup>

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Regina Lahni<sup>3</sup>

Universidade Federal de Juiz de Fora – Minas Gerais – Brasil

#### **Resumo**

O presente artigo busca analisar de que forma a identidade feminista está representada hoje, e, de que forma as próprias mulheres enxergam o movimento feminista. Utilizou-se aqui como objeto de estudo o Festival Mulheres no Volante, evento cultural que tem como mote as questões de gênero. No primeiro momento, analisou-se a representação da identidade feminista através da mídia. Observou-se a inserção que o evento alcançou e a forma pela qual foi retratado. Já no segundo momento, tornou-se necessário entrevistar as musicistas envolvidas na edição 2008 do Festival. Buscou-se investigar qual imagem essas mulheres têm de si mesmas, se elas se identificam e se sentem-se representadas no discurso feminista das organizadoras. Em resumo, a questão suscitada é: O Festival Mulheres no Volante comunica o Feminismo?

#### **Palavras-chave**

Identidade; Feminismo; Festival Mulheres no Volante; Representação

#### **Introdução**

O presente artigo surge a partir de estudo realizado sobre o Festival Mulheres (MnV) no Volante, evento de cultura feminista, realizado na cidade de Juiz de Fora, que afirma ter por

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Intercom Junior, na Divisão Temática de Comunicação, Espaço e Cidadania, do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste.

<sup>2</sup> Bruna Provazi Barreiros - graduanda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET – MEC/SESu), e-mail: brunabighole@gmail.com.

<sup>3</sup> Profa. Dra. Cláudia Regina Lahni - Professora Doutora pela Universidade de São Paulo, docente da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora e da PPGCOM, e-mail: crlahni@yahoo.com.br.



objetivo promover a igualdade de gênero, dando visibilidade ao trabalho artístico das mulheres e estimulando sua produção. Baseado nesse discurso, das organizadoras do evento, torna-se necessário questionar se essa argumentação corresponde à visão da sociedade a respeito da posição das mulheres e também do movimento feminista atual. Enfim: como o evento é entendido (pela mídia, pela sociedade e pelas participantes)? O Mulheres no Volante (MnV) alcança seu objetivo de evento comunicador do Feminismo?

Analisou-se a cobertura de mídia do evento, em específico, nos meios em que teve maior destaque: no jornal impresso e na televisão. Observando-se aspectos como texto, imagem, edição e localização das matérias, buscou-se descobrir como o Mulheres no Volante é apresentado pela mídia, e se existe relação entre o festival e o Feminismo.

### **Contexto Histórico**

Na década de 1920, fez-se necessária a luta pela igualdade civil das mulheres através de um movimento feminista, de caráter sufragista, que exigia a garantia de direitos pela via da constituição. Foi denunciada, pela primeira vez de forma massiva, a opressão feminina imposta pelo patriarcado. Já nas décadas de 60 e 70, a segunda onda do Feminismo enfatizou as diferenças, a subjetividade e a singularidade de experiências, exigindo direitos sobre a sexualidade da mulher através da crítica à construção discursiva dos modelos masculinos e femininos. Abriu-se, então, o caminho para a terceira onda do Feminismo, que discutiu o conceito de gênero, aliado ao modelo sócio-econômico hegemônico.

Atualmente, em um contexto de neoliberalismo globalizado, passa a ser denunciada a opressão da mulher, tanto através da crítica à cultura que separa o que é masculino do que é feminino, quanto do sistema econômico, que utiliza dessa distinção por gênero, e de diversas outras formas de distinção (etnia, sexualidade, idade, etc.), de forma a desvalorizar economicamente determinados grupos sociais. Dessa forma, o movimento feminista ainda se faz presente e atravessa o mundo, em Organizações Não-Governamentais, em grupos de ação e em redes internacionais, como a Marcha Mundial das Mulheres, movimento contra a pobreza e a violência sexista que tem mais de 6000 núcleos em diversos países e territórios.

A emergência com o movimento anti-globalização de uma nova geração política renova o Feminismo em termos de análises e formas de ação. Uma ofensiva contra a mercantilização se traduziu em protestos de rua, na ação direta. Já não se trata de adicionar os direitos das mulheres ou a transversalidade de gênero no que está dado. O objeto da ação é a resistência



à ordem patriarcal, capitalista, racista, homofóbica, e o fortalecimento de todos os tipos de alternativas. (Boletim Internacional da Marcha Mundial das Mulheres, 2008<sup>1</sup>).

Considerando os meios de comunicação de massa como representações da realidade e como espaço de constante e tensa negociação, movida por forças antagônicas da sociedade, analisa-se como o Feminismo se apresenta retratado na mídia.

## **Identidade e Feminismo**

No livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall (2004) analisa a questão da identidade, extensamente discutida na teoria social, partindo do argumento de que, com o deslocamento das estruturas e processos centrais das sociedades modernas, as antigas identidades estabilizadoras do mundo social estão entrando em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando e descentrando o indivíduo moderno. Hall separa a identidade em três concepções: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno.

O primeiro representaria o indivíduo centrado, unificado, dotado de razão, consciência e ação, cujo centro essencial representativo de sua identidade está em um núcleo interior contínuo, que nasce e morre com ele. Em segundo lugar, está o sujeito sociológico, típico da modernidade, cujo núcleo não é autônomo e auto-suficiente, mas sim formado na relação com outras pessoas que mediam os valores, sentidos e símbolos que habita. Por fim, devido às mudanças estruturais e institucionais, é gerado o colapso das identidades, de onde emerge o sujeito pós-moderno, fragmentado, dotado de várias identidades contraditórias ou não-resolvidas e cujo processo de identificação com identidades culturais é provisório, variável e problemático. A identidade torna-se então uma “celebração móvel”.

Segundo Hall, uma das principais mudanças estruturais responsáveis pela erosão daquela “identidade mestra” da classe e pela emergência de novas identidades é o Feminismo. Entendido tanto como crítica teórica quanto movimento social advindo durante os anos de 1960, o Feminismo questionou a clássica distinção entre *dentro e fora*, *privado e público* e, com o slogan *O pessoal é político*, contestou politicamente arenas inteiramente novas da vida social: família, sexualidade, trabalho doméstico, divisão sexual do trabalho, etc. Enfatizando como questão política e social a forma como somos formados e produzidos como sujeitos

---

<sup>1</sup> Boletim Internacional da Marcha Mundial das Mulheres, Vol 11, Número 3, Setembro 2008.



generificados, politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação. A crítica à posição social das mulheres logo se expandiu para a formação das identidades sexuais e de gênero, questionando a noção de que homens e mulheres eram parte da mesma identidade, a “Humanidade”, e substituindo-a pela questão da diferença sexual.

Nalu Faria e Miriam Nobre (1997), em *Gênero e Desigualdade*, discutem a construção social da desigualdade de gênero a partir dos conceitos do que é ser homem e do que é ser mulher. A educação diferenciada levaria as crianças a se identificarem com modelos sexualmente definidos para melhor desempenharem os papéis correspondentes, implicando ainda em uma desvalorização do modelo dito feminino.

Maria Otilia Bocchini (2000), no artigo *Valores conservadores em Ana Maria e Viva Mais!*, discute como as revistas femininas, produtos da Indústria Cultural a serviço de empresas transnacionais, buscam demonstrar uma realidade única e um pensamento único: *Parecem estar todas unidas pelos ideais do sexo heterossexual submisso aos homens, pelo consumismo e por valores tradicionais que inferiorizam as mulheres*. Essas revistas definiriam o que é ser feminina a partir do consumo de certas roupas e produtos de beleza e, através de uma ideologia do conselho e da informação, estaria reforçada a fragilidade e insegurança das leitoras.

Para Bocchini, a indústria da globalização cultural criaria uma ilusória interpretação do real como uma visão única e totalizante. Nesse contexto, a História desapareceria e tudo se apresentaria como um presente constante e imutável, no qual desfilariam modelos globalizados de relações, da feminilidade subalterna, consumista, heterossexual e maternal, cujas relações de trabalho precárias exigiriam saídas individuais e individualistas que, por sua vez, estariam ocultando as reais forças do jogo na sociedade, na política e na economia.

### **Papel da mídia**

Faria e Nobre (1997) apontam para a importância dos meios de comunicação na reprodução desses estereótipos, denunciando o duplo posicionamento da mídia massiva, que, por um lado, *abre espaço para uma maior discussão sobre a condição feminina, talvez respondendo a anseios que estão percebendo na população* - em programas informativos, veiculados em horários menos nobres -, enquanto, de outro lado, *também trata as mulheres nas propagandas, nas telenovelas, no noticiário, de forma a reforçar seu papel tradicional*.



É relevante citar o trabalho de Alice Mitika Koshiyama acerca da luta feminista na imprensa brasileira, a partir de uma análise das produções jornalísticas feministas no período de 1963-2006. Koshiyama destaca a importância, bem conhecida pelas feministas, de se transmitir o que se acumulou. Segundo ela, hoje, a falta de espaços heterogêneos para o debate e a organização dos interesses das mulheres nos meios de comunicação é um problema concreto.

Nesse sentido, o jornalismo é um trabalho importante para a construção de uma cultura feminista no Brasil: *Na história, a exclusão social das mulheres é um fato que se concretiza também na limitação às suas possibilidades de acesso a todos os bens culturais, inclusive o acesso à literatura feminista* (Koshiyama, 2006, pág. 2). Ela destaca o trabalho da jornalista Carmem da Silva, que entre os anos 60 e 80 do século passado manteve a publicação de artigos mensais na revista Cláudia, estabelecendo, nas páginas de um periódico massivo, uma literatura para a formação de uma perspectiva feminista.

Cabe ressaltar o conceito abordado por Denise Cogo sobre *mídias como matrizes configuradoras das identidades culturais*, segundo o qual, *mais do que meros dispositivos técnicos, as mídias passam a atuar como instâncias que atribuem visibilidade às ações de outros campos sociais e instituições e propõem e asseguram modos próprios de existência e estruturação de realidades pertinentes a esses campos* (Cogo, 2004, pág 2). Assim sendo, os meios de comunicação não apenas impõem uma agenda temática à sociedade, como passam a interferir na dinâmica dos atores e movimentos sociais, que irão construir suas ações cada vez mais tensionadas pelas exigências do tipo de visibilidade pública atribuída pela lógica midiática. Ao mesmo tempo, esses atores e movimentos se apropriam e reelaboram tais lógicas, *transformando a esfera da mídia em um espaço simbólico de conflitos, disputas e negociações e que se encontra, portanto, submetido permanentemente às tensões contraditórias dos interesses que circulam na sociedade*.

## **O Festival Mulheres no Volante**

O Mulheres no Volante é um festival de cultura feminista criado, em 2007, em Juiz de Fora (MG), com o objetivo de incentivar e dar visibilidade ao trabalho artístico produzido por mulheres. Para as organizadoras<sup>1</sup>, o evento surge devido à falta de espaço para as mulheres

---

<sup>1</sup> A autora do presente trabalho é também uma das idealizadoras do projeto *Mulheres no Volante*.



produzirem arte e serem valorizadas enquanto artistas. Segundo release enviado à imprensa, *o festival surgiu diante da sensação incômoda de ir a um show e só ver homens no palco*. Para elas, a mulher não é incentivada, dentro e fora de casa, a produzir cultura, e, mesmo quando consegue se inserir nesse meio, é pouco reconhecida.

Por entender que essa situação faz parte do contexto de preconceito, invisibilidade e opressão em que a mulher se encontra, hoje, na sociedade, suas organizadoras decidem iniciar as mudanças através do âmbito da cultura, tendo como pano de fundo a promoção do Feminismo e a conscientização das mulheres de sua importância como agentes de transformação social.

Na primeira edição do evento, em 2007, foram realizadas: oficina de *skate*, roda de conversa, *stands* de moda e do coletivo feminista Maria Maria, discotecagem com um grupo de meninas local e *shows* com sete bandas - de Juiz de Fora, Rio de Janeiro (RJ) e Goiânia (GO). Em 2008, o Mulheres no Volante ampliou sua programação, e foram realizadas: oficinas (percussão, malabares e customização de roupas), *workshops* (guitarra e bateria), painel de grafite, instalação, exposição de poesias, discotecagem com dois grupos femininos locais, roda de conversa, *stands* de moda, além de *shows* com sete bandas – de Juiz de Fora, Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Sorocaba (SP), Volta Redonda (RJ), além de uma banda de Fortaleza (CE), que acabou não vindo.

As bandas deveriam preencher o requisito de ter ao menos uma mulher tocando instrumento. Esse critério foi utilizado devido à observação de que as mulheres estão mais presentes na música enquanto vocalistas – mais comumente na música *pop* internacional, como divas, e na Música Popular Brasileira. Essa presença concentrada das mulheres nos vocais seria consequência do machismo na sociedade, que reserva a elas funções relacionadas ao trabalho reprodutivo, ou seja, as profissões ligadas ao cuidado, e que somente “consentiria” a presença das mulheres na música - trabalho produtivo - devido a uma diferença biológica inevitável: o timbre de voz diferenciado.

Dessa forma, o Mulheres no Volante procura se tornar um espaço de reflexão, proporcionando o intercâmbio de experiências entre homens e mulheres; de entretenimento, através das diversas manifestações artísticas presentes no festival; e, principalmente, de “empoderamento” feminino, através tanto das oficinas, *workshops* e vitrines culturais oferecidas ao público, quanto através dos palcos, *stands* e varais, oferecidos às artistas.



## Divulgado pela mídia

Embora tenha-se observado a presença do Mulheres no Volante em outros veículos de comunicação locais, tomou-se como objeto de análise os veículos em que sua inserção alcançou maior amplitude, em forma de matéria, e não apenas de agenda. Essa inserção ocorreu nos meios de comunicação de maior alcance em Juiz de Fora nos segmentos de televisão e jornal impresso, respectivamente: TV Panorama e Tribuna de Minas.

A segunda edição do festival apareceu na Tribuna de Minas cinco vezes, todas no caderno de cultura (Caderno Dois), sendo quatro delas em formato de agenda e uma como matéria: em seis de julho de 2008, na coluna social César Romero; em oito de julho, 23 e 24 de agosto de 2008, na seção Dicas; e, ainda em 24 de agosto, como matéria, na página seis do Caderno Dois. Como, nas primeiras quatro vezes, o MnV apareceu em formato de agenda, apenas com caráter informativo e bastante sintético, trabalhou-se então apenas com a matéria.

A matéria foi veiculada pela Tribuna de Minas no domingo, dia do evento, e, embora estivesse presente na última página do caderno de cultura, pode-se dizer que ocupou uma posição de destaque, visto que a página seis é colorida, tendo maior visibilidade, e que ocupou o espaço de meia página, da parte superior. Do lado direito da página, há ainda uma fotografia em tamanho grande, tirada por fotógrafo do jornal em encontro agendado com artistas e organizadoras do evento - mais uma forma de chamar a atenção do/a leitor/a.

O chapéu (*Todo poder a elas*) e o título da matéria (*As mulheres estão no volante*) já indicam que a abordagem privilegiará o fato de o evento ser produzido por mulheres, de forma a valorizar sua inserção na área. Assim, é ressaltada a presença das mulheres tanto na construção do projeto quanto em sua execução: *Idealizado por um grupo de mulheres da cidade e sempre com mulheres à frente, atrás, ao lado e por toda parte*. A seguir, o uso de termos como “competência”, “talento” e “criatividade” sugere não apenas que o espaço cultural está sendo ocupado pelas mulheres, como também ressalta a qualidade do trabalho desenvolvido por elas.

O Feminismo aparece subentendido por todo o texto, através do conteúdo que dá ênfase na necessidade de se criar esse espaço (*abrindo o canal para o talento das garotas*), confirmado sempre pelo depoimento de uma das organizadoras. A referência também ocorre de forma explícita, através da utilização do termo “feminista”: *idealizado por um grupo de garotas da cidade com a proposta de defender a causa feminista*. Paralelamente, o termo “feminino” é usado, tanto pela produção do evento quanto pela mídia, para designar algo



relativo à mulher, e não de forma estereotipada, relacionado às supostas “características femininas”, como sentimentalismo, meiguice, fragilidade.

Por fim, para que não haja interpretações equivocadas, a matéria ressalta que o espaço é aberto aos homens: *o Mulheres no Volante também faz questão de dialogar com os homens que integram bandas e demais atividades, além daqueles que estarão presentes para apenas curtir a avalanche de criatividade feminina.*”

O festival esteve presente na primeira edição do telejornal MGTV, da TV Panorama, que foi ao ar no sábado, dia 23 de agosto de 2008. O MnV ocupou o quadro Canja, em que são apresentadas bandas locais. Com duração de três minutos e trinta segundos, a matéria girou em torno do evento e ainda mostrou duas bandas de estilos diferentes que se apresentariam no festival, uma delas inclusive encerrando o programa. A âncora do MGTV, Érica Salazar, faz a chamada da matéria introduzindo o evento, tendo como base o texto do release do festival. Ela enfoca a multiplicidade de atrações e comenta sua origem: *criado no ano passado por um grupo de mulheres da cidade, é inspirado em festivais de cultura feminista que acontecem em diversas partes do Brasil.*

A ilustração vem por meio da Canja, que explora a diversidade cultural do festival baseado em duas bandas de estilos musicais diferentes, uma de *punk rock* (Big Hole) e uma de música popular brasileira (Darandinos). A justificativa do festival se dá através do depoimento das organizadoras, que ressaltam a condição de invisibilidade e opressão em que a mulher se encontra hoje, seguida da proposta de transformação social pelo viés da cultura. A fala das organizadoras também ressalta o alcance nacional do evento e a oportunidade oferecida às artistas: *a gente abriu as inscrições pela Internet, teve (sic) inscrições do Brasil inteiro e nós conseguimos selecionar oito bandas.* A matéria também cumpre função de informar sobre o evento, citando horário, local, data, e permitindo ainda que uma das organizadoras convide os telespectadores para participarem do festival.

O termo “feminista” é usado com certo cuidado. Aparece depois da contextualização do festival e seguido de uma referência que soa quase como justificativa: *acontecem eventos semelhantes em diversas partes do Brasil.* Assim como a Tribuna de Minas, o MGTV também usa o termo “femininas” para se referir às mulheres. No entanto, se durante a matéria o termo aparece sem dar margem a outras interpretações, no bloco anterior do programa ele aparece de forma ambígua, em forma de chamada. O uso desse termo, isolado, na chamada, pode tanto estar apenas fazendo referência às mulheres, quanto pode estar relacionado ao estereótipo



atribuído a elas, sugerindo a amenização do discurso feminista – são feministas, mas sem perderem as características consideradas “femininas”.

Além disso, também é notória aqui a preocupação dos jornalistas com o público masculino, presente na pergunta do repórter Bruno Sakaue (*Agora, os homens são bem-vindos também, né?*). Esse questionamento remete a outra visão estereotipada da mídia com relação ao Feminismo, a de que o movimento reproduziria o sexismo da sociedade de forma avessa, excluindo os homens.

### **Visto pelas musicistas**

Buscando-se analisar se o objetivo do Festival Mulheres no Volante de comunicar o Feminismo foi alcançado, realizaram-se entrevistas com integrantes das bandas participantes do evento. Através da fala das envolvidas, procurou-se analisar como elas enxergam a mulher na sociedade, estabelecendo-se uma relação com a função do festival. As musicistas foram questionadas sobre preconceito e sobre a relevância de se fazer um evento como o Mulheres no Volante.

### **Imagem e preconceito**

A guitarrista e vocalista da banda Ricto Máfia, Ive Môco, apesar de dizer que não sofre preconceito, reconhece que há poucas meninas tocando instrumentos. Ela acaba comentando o apelo para a imagem da mulher.

Na minha cidade até que não sofri preconceito. No início, queria montar uma banda de meninas, mas não tinha integrantes suficientes para todos os instrumentos, aí foi mudando.(...) Se tem uma menina numa banda, ela tem que ser bonitinha pra poder chamar mais atenção. Talvez esse seja o problema que existe hoje. De repente, usar a imagem de uma forma apelativa, colocar uma saia mais curta... Ive Môco, guitarrista e vocalista da Ricto Máfia.

A mesma referência à imagem é notada no depoimento da paulistana da banda Drama Beat. Ela também afirma nunca ter sofrido preconceito, mas relata situações discriminatórias pelas quais passou na cena musical e na família. Chama a atenção, nesse discurso, a reprodução dos estereótipos historicamente associados à feminilidade e à masculinidade.



Não tive dificuldade por ser banda de mulher. O preconceito que acontece é justamente o contrário, muitas meninas montam bandas só de meninas por causa de marketing, porque é uma coisa atrativa e a macharada toda vai atrás. (...) As pessoas perguntam ‘que som é essa banda?’, e ouvimos coisas do tipo “ah, é uma banda de meninas”, mas a gente não associa música a sexo. As pessoas que mexem com arte na verdade são meio andróginas, pois conseguem equilibrar bem o lado masculino, que é o da técnica, e o lado feminino, da sensibilidade. (...) Se um cara vem falar de música comigo, OK, mas se vem falar “você é bonitinha”, aí não. Isso é uma forma de preconceito. Minha família, como é mais conservadora, acha que música não vai levar a lugar nenhum, como a maioria das pessoas. Cristina, vocalista e guitarrista da banda Drama Beat.

A juizforana Fabrícia do Valle também entra em contradição. Em depoimento na roda de conversa promovida durante o festival, ela afirma ter encontrado resistência tanto por parte dos familiares quanto quando começou a tocar na noite. No entanto, em entrevista gravada posteriormente ao evento, Fabrícia afirma que o cenário está mudando, e que o preconceito está em reconhecer a arte como profissão.

Uma vez, um cara chegou pra mim e falou “quero ver se você vai tocar”. Hoje, vejo que é possível, tem mais referência dentro desse cenário preconceituoso. As coisas estão se abrindo mais na música. Existe preconceito por causa do imaginário popular acerca do artista, da cultura. Eu não tive muitas dificuldades, nunca sofri nenhum tipo de preconceito a não ser esse desafio (“será que ela vai tocar como homem?”). Isso não dá mais, não é essa a linguagem mais, a gente vai construindo. (...) Quando eu era pequena, fazia aula de violão, flauta doce, futebol e capoeira. Ai, quando decidi tocar percussão, foi um caos “não pode, porque é instrumento de homem”. Meus pais falaram “primeiro faz uma faculdade, depois você faz música”. Acho que tem um problema de entender a música como profissão. Fabrícia do Valle, percussionista da Darandinos.

A vocalista e guitarrista da banda Loud Silence, Thaíza Lessa, é uma das únicas entrevistadas que afirma explicitamente ter sido vítima de preconceito.

Eu comecei a tocar guitarra com 16 anos, com um professor homem que não dava nada por mim, tanto que quando a gente começou a se destacar um pouquinho, a tocar coisas mais difíceis, era passar aluno no corredor “vem cá ver ela tocando!”. Sempre rola um pouquinho de preconceito, porque, se fosse um homem tocando, não ia ser uma coisa fenomenal, como era mulher, destacava mesmo. Na minha família teve um pouquinho de preconceito, meu pai nunca gostou, mas acho que mais por causa do meio do rock, não por eu tocar um instrumento. (...) Tem mais espaço agora, mas ainda assim tem uma dificuldade realmente, porque se a mulher é bonitinha vai fazer sucesso, se a mulher é feia, não vai fazer tanto. Não adianta só o talento, ela tem que ser bonitinha. Às vezes tem espaço pra mulher que tem bunda, mas a mulher que tem talento mesmo não tem espaço. Thaíza Lessa, da Loud Silence.



Na tentativa de atingir direto o ponto, foi perguntado se elas já foram chamadas de “gostasas” durante uma apresentação, e se isso não representaria uma forma de preconceito. “Todo show, praticamente, tem um engraçadinho que fala. Mas isso, se a gente passar na rua também escuta, né, então... Quando tem banda e faz show, fica mais visada. A gente pode até usar isso a favor. É bonitinha? Então é bonitinha. Tem talento e é bonitinha. Mas preconceito é”, afirmou Thaíza Lessa, da Loud Silence.

O resultado das entrevistas foi a constatação de que, apesar de, inicialmente, a maioria das entrevistadas afirmar não sofrer preconceito por ser mulher, no decorrer dos depoimentos, todas citaram situações em que receberam tratamento diferenciado. As musicistas também foram unânimes em ressaltar a questão da discriminação relacionada à imagem da mulher, reconhecendo que existe um padrão estético a ser seguido pelas artistas que quiserem ter visibilidade nesse meio.

### **Festival pra quê?**

Na segunda parte das entrevistas, as integrantes das bandas foram questionadas acerca da participação no Mulheres no Volante. Foram levantados pontos como: se elas encontram outros espaços ou se ficam restritas a eventos direcionados a bandas femininas; se consideram que a mulher está em condição de igualdade com o homem; e qual a importância de se realizar eventos como esse.

A gente acha super importante tocar em ambos os espaços, porque os festivais de garotas são um momento de empoderamento, onde as meninas se conhecem, se encontram e fazem um som bom, se conhecem e podem se articular pra organizar outras coisas, se empoderar enquanto roqueira e enquanto mulher. Flávia dos Santos, vocalista e guitarrista da Biggs.

Tocar em outros lugares é bom também porque a gente mostra que nem sempre a gente precisa ser colocada como “banda de mina”, que é o primeiro passo da conquista: ser colocada como banda de rock, acima de tudo.(...) Ficar tocando só em evento de mina é uma auto-sabotagem, pois se você ficar falando pros seus pares sempre, você não consegue criar uma grande mudança. Mayra Vescovi, baixista da Biggs.

A maioria dos depoimentos girou em torno da relevância do festival em dar oportunidade/visibilidade para as meninas que estão começando e em servir de vitrine para o público.



O mais interessante foi um espaço para reflexão. Porque, por mais que a gente estivesse num momento de descontração, isso tava presente o tempo inteiro, através de coisas práticas: a menina tocando bateria,... É a importância de plantar uma semente. Daqui a pouco, isso vai pra outro lugar, e assim vai semeando. Fabrícia do Valle, Darandinos.

[É importante] pras meninas que vêm aí e acham que nunca podem pegar num instrumento por que é menina, por que é uma cena 90% masculina, aí ela vê uma mina num palco e pensa “por que não? Vou lá tentar.”... E vai formando mais banda, e desenvolvendo esse espírito da menina poder se expressar num ambiente que costuma ser muito masculino. Hoje em dia ela tá vendo que ela pode e que ela tem total liberdade de fazer música do mesmo jeito. Mayra Vescovi, baixista da Biggs.

A gente tá conquistando alguns espaços, mas em alguns específicos a gente tá precisando ainda crescer, e a oportunidade na música é fundamental. Existem mulheres na música, mas ainda é minoria, e todo o espaço que incentiva isso, pra molecada ver e se inspirar e correr atrás e - o mais legal -, com vários estilos pra se identificar, acho super válido, porque realmente tem espaço que a gente tem que percorrer e crescer ainda. Ana Cláudia, Darandinos.

No entanto, foram encontradas, em algumas falas, questões interessantes com relação aos estereótipos socialmente construídos tanto acerca do Movimento Feminista, quanto acerca da feminilidade, como pode ser observado no relato das integrantes da Darandinos de suas primeiras impressões sobre o evento.

De início, muita gente falou que era um evento feminista, e eu também fiquei com medo de ser uma coisa radical, mas eu não fui conferir. Achei muito válido, é um feminismo, mas um feminismo sem nóia, sem extremismo, porque eu acho que é isso que atinge. Quando você vai pra essa via extremista, acho que você cria o contrário, cria uma resistência. (...) Pessoas mais velhas e homens foram realmente prestigiar. Acho válido porque é uma vitrine mesmo, dá visibilidade ao que tá aí e que a gente vai descobrindo. Tem tanta coisa rolando e a gente aqui na cidade não tem dimensão de como tá grande a coisa. Ana Cláudia, Darandinos.

Na primeira edição, confesso que fiquei “lá vai aquele bando de feminista fazer festival”, porque tenho uma linha de pesquisa na faculdade de estudos culturais, então essa idéia de gueto, de minoria, é algo que está se desconstruindo na minha cabeça, isso não existe mais, é uma coisa imaginada: “que merda, aquelas meninas tão achando que estão fazendo alguma coisa legal”. (...) Todos os estereótipos vieram na minha cabeça: só banda punk, só mulher de preto. Depois pensei, “não posso olhar com esse olhar de pesquisadora, tenho que olhar como uma iniciativa”. Se vocês tivessem me chamado ano passado, talvez eu não participasse. Mas depois eu vi que outras pessoas também têm outro enfoque sobre o objeto, que é essa coisa do projeto em si, que é de abrir pra outros leques. E até refletir sobre esse olhar que quem tá de fora a princípio tem. Não é um olhar “ah, essas meninas não estão fazendo nada que preste”, é um questionamento pessoal, uma problematização pessoal.



Mas acho que vocês conseguiram desconstruir esse foco, por exemplo, com aquele cara de Amy Winehouse, e tinha muito homem, isso foi muito bacana. Fabrícia do Valle, Darandinos.

Outro ponto interessante é encontrado na fala da guitarrista da Loud Silence, Bianca Dilly, segundo a qual um evento específico só prejudica a causa (“De certa forma, aumenta o preconceito por ser feminino. Por que tem que ser só de mulher? Mas é interessante, porque ajuda a divulgar as bandas que não têm espaço também”); contraposta na fala da vocalista e guitarrista da banda, Thaíza Lessa: “a banda acaba chamando atenção por ser só de mulher, e a gente acaba sendo convidada para os shows, por ser mulher. Pode ser que fecha umas portas, mas abre outras”.

### **Considerações finais**

O Festival Mulheres no Volante 2008 conseguiu grande visibilidade na mídia local, tanto como agenda, dias antes do evento, quanto como matéria, na véspera e no dia do festival. Tratando-se de um tema delicado, uma vez que o Feminismo, historicamente, é um movimento de transformação radical das estruturas sociais, as coberturas midiáticas recorrem a abordagens mais seguras, atrativas e fáceis, ressaltando os aspectos culturais do evento. Nenhuma delas contextualizou a importância de existirem iniciativas como essa, de forma a investigar e denunciar a situação da mulher na sociedade. Esse diagnóstico é até previsível, uma vez que tanto a Tribuna de Minas quanto a TV Panorama são veículos de comunicação massivos.

Por outro lado, observou-se que a mídia relacionou diretamente o MnV com o Feminismo. Se essa relação era obrigatória, uma vez que a motivação do evento é promover a igualdade de gênero, notou-se que os veículos massivos não procuraram ocultar esse caráter - como se poderia pensar, a princípio. Nas matérias analisadas, houve referência explícita, através do uso do termo “feminista”, ao movimento social em questão, contribuindo para que o Mulheres no Volante cumprisse sua função de evento comunicador do Feminismo.

Dessa forma, assim como a mídia não buscou aprofundamento e contextualização no tema, somente o fato de o Feminismo ter sido citado nas coberturas já sinaliza um possível início de uma abertura, tanto da própria mídia, quanto da sociedade, para essa ideologia de transformação social. O corpo da mulher continua a ser usado para vender do chinelo à cerveja, bem como sua representação nas telenovelas permanece reproduzindo o pensamento



machista hegemônico. No entanto, o simples fato de o Mulheres no Volante vir a ser pauta e de ganhar essa visibilidade em veículos tradicionalistas, talvez já represente um primeiro passo na direção da igualdade.

A segunda etapa deste trabalho, representada pela análise do discurso das musicistas envolvidas no evento, apresenta maior grau de complexidade. Se lançarmos o questionamento: as bandas se identificam/identificam o Festival com o Feminismo?, a resposta não será uníssona. O que parece implícito na quase totalidade dos discursos é que as bandas se inscreveram no MnV muito mais por conta da visibilidade e da divulgação de seu trabalho, proporcionadas pelo evento, do que devido a uma identificação com a causa. Mesmo que situações de opressão e discriminação tenham perpassado por todos os discursos, apenas a banda Biggs abordou a necessidade política de se realizar ações afirmativas como essa. Em oposição a isso, foram encontrados diversos exemplos de reprodução da cultura hegemônica, tais como as referências aos modelos de masculinidade e feminilidade, o preconceito e a visão deturpada acerca do Movimento Feminista.

Para as bandas, é mais interessante participar do Mulheres no Volante por causa de sua *mistura de diferentes manifestações artísticas* do que devido a seu *objetivo de promover a causa feminista*. Não há, nessas mulheres, a necessidade reconhecida e consciente de se inserir, de lutar pela igualdade. Não há engajamento. As bandas selecionadas, embora não sejam profissionais, somente pelo fato de existirem há dois ou quatro anos já representam uma conquista. Nos casos analisados, embora estejam sujeitas às várias formas de discriminação sofridas pelas mulheres na sociedade e repercutidas na cena musical, essas garotas conseguiram “se estabelecer”.

Talvez o maior desafio do Mulheres no Volante esteja em atingir aquelas garotas que não tiveram liberdade de se expressar artisticamente. Para a terceira edição do evento, que acontecerá em 2009, fica a necessidade de se articular a vitrine cultural com as oficinas, com os debates e com outras formas de interatividade, buscando tornar o evento verdadeiramente inclusivo, democrático e transformador.

### **Referências bibliográficas**

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, 9ª edição.

BERGER, Peter L. *A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento* por Peter L. Berger e Thomas Luckmann. Petrópolis: Vozes, 1985. 24ª edição.



BARBERO, J. Martín e REY, Germán. Os Exercícios do Ver. São Paulo: Senac, 1999. 2ª edição.

FARIA Nalu e NOBRE Miriam. Cadernos Sempreviva para a Ação Feminista. Gênero e Desigualdade. São Paulo: SOF, 1997.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. Comunicação, Gênero e Cidadania. Apresentado no Intercom 2006.

COGO, Denise. Mídias, Identidades Culturais e Cidadania: sobre Cenários e Políticas de Visibilidade Midiática dos Movimentos Sociais. Apresentado no IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

BOCCHINI, Maria Otilia. Valores Conservadores em Ana Maria e Viva Mais! Cadernos Sempreviva para a Ação Feminista. Gênero e Saúde. São Paulo: SOF, 1997.

FELERICO, Selma. Compram-se Corpos Ultra-medidos. Representações do Corpo Feminino na Mídia Impressa no Carnaval Brasileiro. Apresentado no VI Congresso de História da Mídia, 2008.